

Algumas considerações sobre o sujeito e o tempo a partir do conto “O outro”, de Borges

Fabiano Chagas Rabêlo

Membro da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano – Mestre em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará – Professor Assistente do curso de psicologia da Universidade Federal do Piauí – Campus Parnaíba

End.: Rua Gilberto Studart, 488 apt. 405 Cep: 60.190-750 Fortaleza – CE

Tel.: (0xx86) 98091277 e (0xx85) 87187005

Email.: fabrabelo@hotmail.com

Gustavo Freitas Pereira

Filósofo, Mestre em Epistemologia e História da Ciência pela UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina, Doutor em História Social USP - Universidade de São Paulo, Professor Adjunto da UFPI - Universidade Federal do Piauí - Campus Parnaíba

End.: Rua Marc Jacob, 484, Ap. 204 - Parnaíba - PI

Tel.: (086) 99329234

Email.: gustavofp@usp.br

Luis Achilles Rodrigues Furtado

Professor do curso de Psicologia da Universidade Federal

do Ceará - Campus de Sobral, Doutor em Educação pela UFC, Mestre em Psicologia pela UFC. Membro da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano e Coordenador Acadêmico do Serviço de Psicologia Aplicada da UFC - Campus de Sobral.

End.: Av. Doutor Guarani, 15, Apto. 202, Sobral Ceará
CEP: 62040-730

Tel.: (88) 88530905

Email.: luis_achilles@ufc.br

Resumo

Esse artigo expõe o resultado de um estudo bibliográfico de interlocução entre psicanálise e literatura. Tomando como referência o conto de Borges “O outro”, investigamos o tratamento que é dado por esse autor a fenômenos psicológicos da vida normal tais como: o sonho, o estranho, o déjà vu (já-visto), o déjà reconte (já-reconhecido), o déjà expérimenté (Já-vivenciado) e as paramnesias. Reconhecemos na obra de Borges um campo riquíssimo onde o psicanalista tem muito a aprender, uma vez que esse autor se deixa guiar em seu processo de criação pelas manifestações psíquicas que desvelam a inconsistência das identificações egóicas (despersonalização) e da apreensão da realidade pelo consciente (desrealização). Assim, o exercício de recordação na pena de Borges transmuta-se da simples reprodução de uma realidade supostamente objetivada para um processo estético de invenção em sentido amplo. Com isso, o sonho emerge como o paradigma de uma “outra cena” para além da realidade compartilhada, onde a verdade do sujeito habita. Constatamos que o recurso à paráfrase em Borges é solidário ao funcionamento do Inconsciente, na medida que põe em primeiro plano a determinação do sujeito pela rede de significantes do discurso do Outro. Defendemos que o enigma possui no conto uma função análoga à interpretação psicanalítica, já que, ao visar o real, produz um reordenamento subjetivo. Destacamos no desenrolar da estória o esforço de tratar o real pelo simbólico por meio de um bem-dizer que mobiliza a enunciação a partir dos ditos e que produz um paulatino desnudamento das insígnias identificatórias. Esse trabalho possui uma temporalidade

peculiar: trata-se de um tempo cíclico, entrecortado, lacunar, não-linear e efêmero, que opera por retroação. O desfecho do conto, que se dá com a apresentação de uma cifra, nos incita a pensar que bem-dizer não significa dizer tudo.

Palavras-chave: *inconsciente, tempo, outra cena, sonho, rememoração*

Abstract

This paper presents the results of a bibliographic study that makes a interlocution between psychoanalysis and literature. Referring to Borges's story "The Other", we investigate the treatment that is given by the author to normal psychological phenomena such as the dream, the strange, the déjà vu (already-seen), the déjà reconte (already-recognized), the déjà expérimenté (already-experienced) and the paramnesias. We recognize in the work of Borges a rich field where the psychoanalyst has much to learn, since the author is guided in his process of creating by the psychic manifestations that reveal the inconsistency of ego's identifications (depersonalization) and the apprehension of reality (derealization). Thus, the exercise of remembering transforms from a simple reproduction of an supposed objectified reality to an aesthetic invention in its broadest sense. With that, the dream emerges as paradigm of an "other scene" beyond the shared reality, where the truth of the subject inhabits. We found that use of paraphrase in Borges points to the functioning of the Unconscious, in that it foregrounds the determination of the subject by the network of signifiers of the discourse of the Other. We argue that the enigma in the story has a function analogous to psychoanalytic interpretation, since it produces a subjective reordering by a treatment of the real. We highlight in the unfolding of the story the effort to treat the real by the symbolic through a well-say that mobilizes the utterance from the sayings and that produces a gradual stripping of the identificatory insignia. This work has a peculiar temporality: it is a cyclical time, interspersed, incomplete, non-linear and ephemeral, which operates retroactively. The outcome of the story, which takes place with the presentation of a cipher, urges us to think that well-say does not mean say everything.

Keywords: *unconscious, time, other scene, dream, remembering*

Resumen

Este trabajo presenta los resultados de un estudio bibliográfico que propone un diálogo entre el psicoanálisis y la literatura. Refiriéndose al cuento de Borges "El Otro", investigamos el tratamiento del autor respecto a los fenómenos tales como: el sueño, el extraño, el déjà vu (ya visto), el déjà reconte (ya reconocido), el déjà expérimenté (ya vivido) y las paramnesias. Reconocemos en el trabajo de Borges un rico campo a el psicoanalista, puesto que el autor se permite conducir en el proceso de creación por las manifestaciones psíquicas que revelan la inconsistencia de las identificaciones del ego (despersonalización) y la aprehensión consciente de la realidad (desrealización). Por lo tanto, el ejercicio de recordar en Borges cambia de la simple reproducción de una realidad hacia una invención estética. Con eso, el sueño aparece como el paradigma de una "otra escena", donde la verdad del sujeto habita. Hemos encontrado que las parafraseando en Borges simpatiza con el funcionamiento del inconsciente, en la medida que pone en primer plano la determinación del sujeto por la red de significantes del discurso del Otro. El enigma en la historia tiene una función análoga a la interpretación psicoanalítica, ya que al mirar en el real, produce un reordenamiento subjetivo. En el desarrollo de la historia se buscó destacar los esfuerzos para tratar el real por lo el simbólico a través de un bien decir que moviliza a la enunciación a partir de los dichos y que produce una gradual deflación de las insignias de la identificación. Este trabajo tiene una temporalidad peculiar: refiere a un tiempo cíclico, entrecortado, incompleta, no lineal y efímero, que opera con carácter retroactivo. El resultado de la historia, que se lleva a cabo con la presentación de una cifra, nos insta a pensar que bien deiceira no significa decirlo todo.

Palabras clave: tiempo, inconsciente, otra escena, recuerdo, sueños

Résumé

Cet article présente les résultats d'une étude bibliographique sur un

dialogue entre psychanalyse et littérature. En référence à l'histoire "L'Autre" de Borges, l'enquête a porté sur le traitement qui est donné par cet auteur aux phénomènes psychologiques de la vie normale tels que le rêve, l'étrange, le déjà-vu, le déjà-reconnu, le déjà-expérimenté et les paramnesies. Nous reconnaissons dans l'oeuvre de Borges un champ très riche où le psychanalyste a beaucoup à apprendre, puisque l'auteur se laisse conduire dans ses processus de création par les manifestations psychiques qui révèlent l'inconsistance aussi bien dans les identifications égoïques (dépersonnalisation) que dans l'appréhension consciente de la réalité (déréalisation). Ainsi, l'exercice de se rappeler se transforme de la simple reproduction d'une réalité soi-disant objectivée en un processus d'invention esthétique au sens large. Ainsi, le rêve apparaît comme le paradigme d'une «autre scène», au-delà de la réalité partagée, dans laquelle la vérité du sujet habite. Nous constatons que le recours à la paráfrase chez Borges sert à l'illustration du fonctionnement de l'inconscient, à la mesure qu'il se met en avant la détermination du sujet par le réseau des signifiants du discours de l'Autre. Nous soutenons que l'enigme dans l'histoire a une fonction analogue à l'interprétation psychanalytique, car, en visant le réel, elle produit un réordonnancement du sujet. On observe dans le déroulement du récit l'effort de traiter le réel par le symbolique au moyen d'un bien-dire qui mobilise l'énonciation à partir de ce qui est dit et qui produit un déshabillage progressif des insignes identificatoires. Ce travail a une temporalité particulière: il s'agit d'un temps cyclique, entrecoupé, incomplet et éphémère, qui opère de façon rétroactive. Le résultat de l'histoire, qui a lieu avec la présentation d'un chiffre, nous incite à penser que le "bien-dire" ne signifie pas un "tout dire".

Mots-clés: temps, inconscient, autre scène, rêve, mémoire

Algumas considerações sobre o sujeito e o tempo a partir do conto "O outro", de Borges

Introdução

"O outro" é o nome do conto publicado no "Livro de areia",

em que Borges descreve o encontro com ele mesmo 50 anos mais moço em um espaço entre sonho e vigília. Nele é abordada a incidência do tempo no homem e as nuances da tradução da realidade pela rememoração.

Partindo das situações trazidas pelo texto e remetendo-nos a outros escritos do autor, realizaremos algumas reflexões sobre o estatuto do tempo no inconsciente e sobre sua consequência para a abordagem de questões como a história do indivíduo e a apreensão da realidade.

Seguindo a narrativa de Borges, distinguiremos o campo das identificações do da relação do sujeito com o Outro da linguagem. Em seguida, discutiremos a tese adotada por Freud de que o sonho constitui uma outra cena. Depois, remeteremos o leitor ao diálogo entre os dois interlocutores do conto para dele destacar a enunciação do saber inconsciente.

Nossa questão central é como opera o tempo nessa outra cena em que se manifesta a verdade do sujeito. Daí, durante nosso percurso, nos questionaremos sobre as modalidades narrativas presentes no conto na busca de um ponto de inflexão onde a escrita do autor tangencia o Real. Nosso pressuposto é que, assim como a o inconsciente, a literatura guarda em seu coração um núcleo Real que é bordejado pela escrita.

Utilizaremos referências a Freud e a Lacan. A tônica que marcará o embasamento teórico desse artigo recairá sobre o ensino de Lacan na década de 1950. No entanto, reportaremos-nos a algumas passagens do seminário, livro 11, para destacar o lugar do real no sonho.

O encontro impossível

No conto é apresentado o relato de uma conversa entre os dois Borges – o jovem e o septuagenário - numa manhã de 1969, nas margens do rio Charles, em Cambridge, nos Estados Unidos. Essa data e localização, contudo, são relativas à perspectiva do velho Borges, que, impelido por uma premência subjetiva, resolve três anos depois pôr no papel os resíduos de suas lembranças em forma de ficção.

Logo de saída, o autor nos revela o sentimento íntimo de horror evocado pelo encontro, o qual foi seguido pela intenção resoluta de baní-lo da lembrança: “Não o escrevi de imediato porque o meu primeiro propósito foi de esquecê-lo, para não perder a razão” (...) “Sei que foi quase atroz enquanto durou” (...) “isso não significa que relatá-lo possa comover um terceiro.” (Borges, 2009, p.07).

Depreendemos desse trecho que um distanciamento da experiência relatada no conto foi condição necessária para que sua escrita pudesse vir à luz. Tal fato nos fornece subsídios para descolar a voz do narrador da do personagem encarnado pelo Borges septuagenário.

Encontramos justificativas para isso em outra passagem que trata do lugar do narrador em relação ao encontro: “Agora, em 1972, penso que, se o escrever, os outros lerão como um conto e, com os anos, talvez o seja pra mim” (Ibidem, p. 07).

O narrador, portanto, ocupa o lugar de alguém que, após certo distanciamento de uma experiência limite, busca reintegrá-la pela via da ficção, dando-lhe contornos de um conto.

Temos, então, três vozes de Borges no texto: a do septuagenário, a do jovem (os personagens do diálogo) e a do narrador da cena, que se coloca fora dela, mas sente a reverberação de seus efeitos. Muito embora em alguns momentos as vozes do narrador e do septuagenário se confundam, no decorrer do texto fica patente que representam lugares de interlocução diferentes.

Nossa leitura buscará se aproximar daquilo que se desprende como enunciação dessas três vozes.

O outro

A estória tem início com o septuagenário Borges sentado em um banco a observar com o pouco de visão que lhe resta o fluxo do rio. “Seriam dez da manhã” (Ibidem, p. 7), nos é dito pelo narrador, colocando de uma só vez no plano da incerteza a cronologia dos acontecimentos, a objetividade dos fatos e a isenção das lembranças.

Enquanto contempla as águas, o septuagenário deixa-se levar por divagações sobre o tempo. Esse momento evoca nele

a impressão de déjà expérimenté, de haver vivenciado aquele instante antes. Menciona em tom de descrença uma explicação psicológica que relaciona a ocorrência desses fenômenos com o cansaço e a fadiga. De acordo com tal teoria, a sensação do “já vivido” é resultado de uma espécie de falha transitória da consciência em decorrência de uma fragilidade fisiológica.

Ao lado do déjà vu (já-visto) e déjà recontre (já-reconhecido), o déjà expérimenté também foi abordado por Freud (1914/1997b), que parte da mesma explicação referida por Borges para refutá-la. Cita uma série de situações em que a impressão do “já vivenciado” surge na clínica e se põe a teorizar sobre a ocorrência dos fenômenos paramnêmicos em diversas situações de análise. Conclui apontando indícios de que esses fenômenos poderiam estar relacionados com o trabalho de atualização do saber inconsciente.

Os fenômenos paramnêmicos são aqueles em que o conteúdo evocado pela rememoração destoa dos fatos da realidade. Estão relacionados com sentimentos de desrealização, em que a consistência da sensação de apreensão do mundo se esvanece e a linha cronológico-histórica do tempo se transmuta numa experiência cíclica.

Lacan (1985 p.355) desenvolve e especifica a hipótese freudiana. Para ele, o déjà expérimenté é um efeito de despersonalização bastante freqüente na estrutura neurótica que surge quando as identificações do Eu vacilam, deixando entrever fragmentos do discurso do inconsciente nos hiatos e resíduos de lembranças.

Enquanto estava absorto nessa sensação de envicamento do passado no presente, uma antiga e quase esquecida melodia de sua terra natal assobiada por um desconhecido interrompe o fluxo de pensamentos, envolvendo o septuagenário em uma teia de reminiscências. Curioso sobre a identidade de quem entoava a música, toma a iniciativa de estabelecer uma conversa. Para sua surpresa, ouve pela própria voz proferida pelo outro que são a mesma pessoa, mas em tempos e lugares diferentes. Nas palavras do jovem Borges: “O estranho é que nos parecemos, mas o senhor é muito mais velho, com a cabeça cinza” (Borges, 2009, p. 08).

Para além do fato de compartilharem a mesma “identidade” e possuírem traços físicos em comum, não são as semelhanças que os vinculam naquele instante, mas a irrupção inesperada do estranho.

Freud (1919/1997c) dedica um texto à análise do estranho. Nele recorre à literatura para buscar elementos que lhe permitam avançar na explicação psicológica desse fenômeno. Constata que a palavra “Unheimliches” possui uma sobredeterminação na língua alemã que lhe possibilita o uso tanto no sentido daquilo que é semelhante, familiar, domesticado e habitual como no sentido do que é oculto, desconhecido e ameaçador. Argumenta então que a irrupção desse estado psíquico deve estar relacionada com o movimento de regressão a um momento do desenvolvimento do Eu em que seus limites em relação ao mundo e aos outros ainda não estão claramente demarcados. Sugere que esse momento seja denominado narcisismo primário (Ibidem, p. 259). Logo, o estranho é derivado do encontro súbito do sujeito com aquilo que lhe é mais íntimo e, simultaneamente, desconhecido e bizarro. Esse encontro se dá em paralelo com a vacilação das formações egóicas. O “escutar a própria voz” ilustra muito bem a emergência o fenômeno do estranho.

Assim, a pluralidade de identidades narrativas dos Borges nos serve de alegoria para pensarmos a multiplicidade de discursos que habita o sujeito. Destacamos que essa pluralidade de vozes está sinergicamente conjugada aos fenômenos do estranho e da despersonalização. A partir dessas referências, é possível afirmar que, no conto, o encontro dos duplos engaja o narrador em um questionamento sobre sua verdade mais íntima.

O Outro

Em “função e campo”, Lacan (1998b) afirma que a experiência analítica tem em seu horizonte o compromisso com a verdade do sujeito. Essa verdade não é imanente ao indivíduo. Ela lhe é excêntrica e transindividual, uma vez que remete ao discurso do Outro. As manifestações desse discurso são consubstanciais aos fenômenos de linguagem em sua característica mais elementar. Isto é, o que está em primeiro plano é a linguagem na medida em que, a partir de uma situação de desamparo original, concede ao indivíduo recém-nascido um nome e o insere em uma intrincada rede de relações significantes.

Essa intervenção primeira da linguagem no humano inaugura a dimensão do desejo, que define o sujeito em função de uma

falta estruturante. Por conseguinte, a verdade na perspectiva psicanalítica é sempre veiculada pelo desejo em seu movimento de contínuo deslizamento numa rede de cadeias significantes.

Temos então que o sujeito é uma função derivada do trânsito do ser falante por lugares de referência no interior de um discurso concreto. Tal definição desencadeia a necessidade de concebermos os fenômenos de linguagem para além de uma relação de equivalência na comunicação entre dois indivíduos.

Daí, para poder situar com precisão toda a complexidade das trocas intersubjetivas no homem é de extrema importância a referência a uma instância terceira de mediação, o Outro. É daí que nasce e se oculta a verdade do Sujeito. Nas palavras de Lacan, trata-se de saber: “através de quem e a quem o sujeito formula a sua pergunta” (Lacan, 1998b. p. 304).

Com isso, deparamo-nos com a urgência de depurarmos na fala concreta de um indivíduo duas maneiras distintas de situarmos a função do sujeito. Trata-se do sujeito do enunciado e do sujeito da enunciação (Lacan, 1998d). A enunciação remete ao testemunho da mensagem no Outro e se manifesta nas entrelinhas de um enunciado. Já o enunciado se refere ao sujeito da sentença gramatical, aquele que executa a ação de uma oração. O que a interpretação psicanalítica busca atingir é o sujeito do desejo na sua falta-a-ser que emerge da enunciação.

Durante o diálogo, percebemos o descolamento do sujeito da enunciação da mensagem do enunciado. Algo se desprende do enunciado dos personagens e do narrador, apontando para uma mensagem que vai além de sua intencionalidade consciente imediata.

No conto, para delinear a discrepância entre os interlocutores no modo de conceber o fazer literário, o narrador, na voz do Borges septuagenário, confia ao leitor: “Meu alter ego acreditava na invenção ou descoberta de metáforas novas; eu, nas que correspondem a afinidades íntimas e notórias e que nossa imaginação já aceitou. A velhice e os ocasos, os sonhos e a vida, o curso do tempo e da água” (Borges, 2009. p. 13).

Podemos dizer que, nesse momento, uma das funções da

literatura para Borges é aludir pela escrita aquilo que do sujeito lhe é mais íntimo, mais estranho e que, de alguma forma, já estava antecipado pela imaginação. Salientamos aqui a capacidade de antecipação dessa verdade íntima que a enunciação possui .

O dístico freudiano publicado nas novas conferências introdutórias - “Wo es war, soll ich werden”. (Freud, 1933/1997d, p. 516) – nos fornece o sentido do movimento de apresentação da verdade no interior do discurso: lá onde isso foi (a imaginação para Borges, o discurso do Outro para Lacan), ali devo advir (ali o sujeito deve se situar para reintegrar sua verdade).

Também encontramos nessa última citação de Borges a menção ao sonho como um dos temas de destaque nessa fase de sua obra. É importante frisar que não se trata apenas de um assunto recorrente, mas de uma influência fundamental no estilo e na forma de escrever.

No prólogo de outro livro da mesma época, “O informe Broadie”, afirma: “A literatura não é outra coisa senão um sonho dirigido” (Borges, 2008. p. 09). Mais adiante, acrescenta: “Cada Linguagem é uma tradição, cada palavra, um símbolo compartilhado. É irrisório o que um inovador é capaz de alterar” (Ibidem p. 09).

Temos aí um ponto de convergência entre Borges, Freud e Lacan. Borges materializa através de sua escrita a tese de que todo livro é uma versão modificada de livros já escritos em um outro lugar. Seu estilo valoriza a paráfrase e apropriação de trechos de obras da literatura, fornecendo-lhes um novo enquadre. Podemos dizer que tanto para Borges como para a psicanálise não existe criação ex nihilo, a partir do nada. O que há são apropriações de discursos, em cujos circuitos a função do sujeito está integrada.

Por outro lado, ao mesmo tempo que reconhece a impossibilidade de uma criação absolutamente inédita, Borges reafirma o poder de transmutação literária e estilística. Para ele, as possibilidades de apropriação do já existente são assustadoramente infinitas. Esse é o tema do conto que dá título ao livro que “O outro” abre (Borges, 2009. pp. 100 - 105).

Essas referências a Borges são solidárias ao Inconsciente. Citamos Lacan: “ O inconsciente, a partir de Freud, é uma cadeia

de significantes, que em algum lugar (em uma outra cena, escreve ele) se repete e insiste (...)” (Lacan, 1998d. p. 813).

Acreditamos com isso, que Freud, Borges e Lacan nos fornece elementos para pensar que a verdade do sujeito está suspensa no circuito do discurso para além da individualidade daquele que emite um enunciado. Esse sujeito não possui uma imanência, ele é conseqüência direta da relação entre os elementos de uma cadeia de significantes no discurso.

Desse modo, à beira do Rio Charles transcorre o diálogo impossível entre os Borges. O banco que os abriga pode ser tomado como uma representação metafórica do inconsciente. Isto é, da mesma forma que o Inconsciente, os Borges encontram-se numa zona que une e entrelaça vigília e sonho, onde uma outra temporalidade vigora e um discurso simultaneamente estranho e familiar dá mostras de sua existência.

O Sonho como uma “outra cena”: entre a Percepção e o Consciente

A continuidade entre sonho e vigília é um dos principais axiomas da teoria psicanalítica (Freud, 1900/1999. p.186). Todavia, se os pensamentos na vigília e no sonho estão interligados, isso não ocorre de uma maneira linear. A formulação da primeira tópica é uma resposta a essa necessidade de estabelecer uma continuidade comunicativa e demarcar uma cisão estrutural entre as diferentes instâncias do psiquismo. O aparelho psíquico nela presente é um instrumento para visualizar como opera a síntese psíquica que constitui a gramática dos sonhos.

Para avançarmos nessa interlocução entre Borges e a psicanálise, indicamos ao leitor outro texto do escritor argentino. Ao comentar a obra de Hawntorne¹, ele escreve a respeito da sobre-determinação e das contradições presentes nos sonhos “que têm sua álgebra singular e secreta e em cujo ambíguo território uma coisa pode ser muitas coisas” (1952/2007. p. 87).

Ao propor seu método de interpretação, Freud (Freud, 1900/1999) salienta que a mensagem do sonho só é acessível após um árduo trabalho de tradução. No sonho, conteúdos de alto

investimento psíquico se misturam a resíduos diurnos pré-conscientes. Esse fato é consequência direta da divisão subjetiva e da diferença na síntese gramatical entre as instâncias psíquicas, de forma que a interpretação deve levar em consideração que o texto do sonho é uma formação de compromisso.

Freud cita Fechner antes de expor o modelo da primeira tópica: “A cena dos sonhos é uma outra, diferente da (cena) das representações da vigília” (ibidem, p. 527)¹. Essa “outra cena”, afirma, é o lugar do Inconsciente.

Temos nessa frase de Fechner o uso de uma antiga alegoria da literatura. Borges (1952/2007), em uma crônica, escreve que há reverberações dessa metáfora ainda no sec. XVII, em Quevedo e Luís de Gongora. Cita então um texto do sec. XVIII de Addison, que resume com precisão as metáforas literárias que relacionam o sonho à cena de um espetáculo: “A alma, quando sonha (...) é teatro, atores e platéia” (ibidem, 67). Assim, no sonho, a pluralidade de discursos que habita e divide o sujeito é encenada imageticamente.

Ao tentar dar conta do trabalho psíquico subjacente à produção dessa imagem encenada, Freud sente a necessidade, não sem um certo embaraço, a reconhecer uma tendência primária do aparelho psíquico a produzir alucinações.

Lacan (1985), no seminário, livro 2, traz elementos para nos situarmos em relação a essa discussão. Para ele, há uma dificuldade central em Freud na formulação da primeira tópica, pois ela se apóia na premissa de que a percepção é uma formação primária do psiquismo e que, junto ao Consciente, constituem uma unidade estrutural de funcionamento. Decorre daí que Freud encontra sérias dificuldades ao descrever o mecanismo psíquico que origina as alucinações. O caráter alucinatório dos sonhos põe em dúvida a independência da percepção de outros processos psíquicos e a suposta solidez do bloco percepção-consciência. Consequentemente, da realidade como formação primária.

O conceito de regressão é inserido por Freud em sua primeira tópica como uma tentativa de resolução desse impasse na conciliação entre a tendência à alucinação e a garantia de acesso à realidade através da percepção.

Lacan, por sua vez, sugere uma postura de reserva diante das referências à regressão. Sustenta que esse mecanismo só tem sentido no plano da significação e propõe que, no lugar de uma utilização inespecífica e pouco rigorosa desse termo, haja um reordenamento da disposição das instâncias psíquicas no modelo de funcionamento da primeira tópica.

Sua indicação é que essa outra cena do Inconsciente seja localizada entre percepção e consciência, de modo a influenciar simultaneamente os processos perceptivos, de memória e de apreensão da realidade. Dessa premissa deriva a distinção das categorias de Real, Simbólico e Imaginário como uma maneira de precisar as nuances das relações do psiquismo com a realidade.

Podemos dizer que essa questão é central no conto de Borges na medida em que ele se indaga sobre a verdade que se oculta e se mostra naquilo (ou através daquilo) que o homem capta da realidade e sobre o que dessa verdade se manifesta no sonho.

Lacan (1985) no seminário, Livro 2, diz que essa dificuldade contida na primeira tópica que culminou na formulação da regressão só foi superada por Freud com a introdução do conceito de narcisismo. Escreve que o narcisismo pode ser considerado uma resposta ao impasse metapsicológico suscitado pelo fenômeno da alucinação. Lembramos que o advento da teoria do narcisismo culminará na reformulação da teoria dos sonhos, em 1917.

Ainda no mesmo texto, lemos que na regressão pelo narcisismo no sonho “não é de um estado anterior que se trata, porém, de uma decomposição espectral da função do eu” (Lacan, 1985. p.210). Em outro texto, escreve que a regressão é “atualização, no discurso, das relações fantasísticas restauradas por um ego a cada etapa da decomposição de sua estrutura” (Lacan, 1998b. p. 253). Acrescentamos que essa “decomposição espectral” não se manifesta apenas nos sonhos, mas também nos fenômenos de desrealização e despersonalização já mencionados. Com isso, podemos entender o fenômeno do *déjà expérimeté* narrado no início do diálogo como abertura para uma seqüência de efeitos de decomposição das identificações narcísicas.

Retomemos a seqüência do diálogo. O septuagenário, ao

se deparar com a recusa de seu interlocutor em aceitar que são a mesma pessoa, propõe superar o impasse lhe dizendo “coisas que um desconhecido não pode saber” (Borges, 2009. p. 08). A réplica do jovem Borges é surpreendente: “Essas provas não provam nada. Se eu o estiver sonhando, é natural que eu saiba o que sei. Seu catálogo prolixo é completamente inútil” (Ibidem, p. 09)

Tais palavras incitam o velho Borges a divagar sobre o seu lugar no diálogo:

- Se esta manhã e este encontro forem sonhos, cada um de nós tem que de pensar que o sonhador é ele. Talvez deixemos de sonhar, talvez não. Nossa obrigação, evidentemente, enquanto isso, é aceitar o sonho, como aceitamos o universo e ter sido gerados e olhar com os olhos e respirar (Ibidem, p. 09)

Podemos perceber nessa citação a clareza com que o septuagenário consegue captar o enlaçamento entre os pensamentos oníricos e os da vigília, ao passo que aponta como uma dever ético a acolhida da mensagem da qual o sonho é portador.

Sublinhamos a equivalência entre aceitar o sonho e consentir com a condição de vivente que habita um corpo e que está incluso na transmissão simbólica de uma descendência. Temos aí um saber que o artista nomeia por uma via diferente da do psicanalista: o de que sonho é tributário de uma divisão subjetiva estrutural que insere o humano na ordem da palavra; palavra que lhe servirá de mediação para toda e qualquer forma de satisfação e apreensão do mundo. A essa divisão estrutural responsável pela constituição do sujeito desejante dá-se o nome de castração.

A alusão à castração como causa e finitude do desejo é reforçada na passagem citada através da menção à visão. Remetemos o leitor a outro trecho do conto onde Borges descreve o caminho gradual de sua cegueira: “Quando chegar à minha idade, terá perdido a vista por completo. Verá a cor amarela e sombras e luzes. Não fique preocupado. A cegueira gradual não é uma coisa trágica. É como um lento entardecer de verão” (ibidem, p. 15-16). Fazemos aqui a equivalência entre aceitar o sonho, acolher o saber inconsciente e consentir com a castração.

O encaminhamento da conversa expõe o paradoxo da si-

tuação em curso. Afinal, como é possível obter acesso direto ao que se sonha? E como transmiti-lo numa linguagem que seja conforme ao pensamento de vigília? Tal contradição ressoa na fala do jovem Borges:

“- Se o senhor foi eu, como explicar que tenha esquecido seu encontro com um senhor de idade que em 1918 lhe teria dito que ele também era Borges?”.

Essa pergunta força a seguinte resposta do interlocutor:

“-Talvez o fato tenha sido tão estranho que procurei esquecê-lo” (Ibidem, p. 13).

Denota-se dessa passagem uma implicação do sujeito em seu esquecimento. Acrescentamos que tal implicação é consequência da divisão estrutural que funda o desejo e remete ao desafio de bem-dizer algo que se apresenta como estranho e que insiste em escapar, .

Ao refutar as provas “factuais” trazidas pelo narrador, o jovem Borges nos mostra que informes biográficos, preferências pessoais, hábitos e outros dados da realidade possuem relevância secundária no trabalho de desvelamento da verdade da enunciação do diálogo. Não se situa nesse plano o que pode fazer elo entre os interlocutores. O que está em questão é um saber que transita no limite de sua apreensão pela palavra.

O aflorar desse saber, todavia, não se dá sem a mobilização de uma quota de angústia. Temos então que o jovem Borges formula uma pergunta desconcertante:

“- E se o sonho durasse?”

O septuagenário retruca:

“- Meu sonho já durou setenta anos. Afinal, ao recordar, não existe ninguém que não se encontre consigo mesmo. É o que está acontecendo agora, só que somos dois” (Ibidem, p. 09).

Mais uma vez é expresso, na voz da personagem, a conexão na continuidade entre vigília e sonho e na primazia dos pensamentos oníricos após o despertar.

Temos, portanto, a partir de Freud, Borges e Lacan, que os

fenômenos oníricos e paramnêmicos, antes de constituírem uma exceção ou desvio da função da consciência e da capacidade de registro da memória, são testemunhas de que o Inconsciente é um trabalhador incansável, permanentemente à espreita, pronto para fazer uma alusão a algo da ordem do desejo, buscando todos os meios para realizar sua mensagem.

Daí ser lícito afirmar que o dever ético comum ao artista e ao analista é o de se deixar guiar pelas indicações do sonho, dos fenômenos paramnêmicos e da sensibilidade criativa em direção a essa “outra cena” entre a percepção e a consciência.

Para além do Eu e das Construções Biográficas

Mas o que vem a ser o “encontrar-se consigo mesmo” presente na última citação? Podemos afirmar que tal “encontro” não se confunde com uma operação auto-referente ou reflexiva. Sabemos com Freud e Lacan que todo pensamento desse tipo advém da instância do Eu e, como tal, traz a marca da função de desconhecimento que se opõe ao sujeito na realização de sua verdade inconsciente.

A questão que o conto traz à baila é a da possibilidade de enunciação de um saber que una os dois Borges no diálogo. Isso só é possível por uma ação de descentramento em relação às afirmações e identificações do Eu em direção àquilo de mais íntimo que habita o sujeito.

Retomemos o diálogo. O septuagenário Borges pergunta: “Você gostaria de saber algo de meu passado, que é o futuro que o espera?” (Borges, 2009. p.09). Essa passagem nos faz refletir sobre a função da construção da história individual como meio de acesso a uma verdade subjetiva.

Em psicanálise, a historicização da vida de uma pessoa tem uma função específica, qual seja, a de atualização do passado no presente como meio de propiciar a assunção pelo sujeito de seu vivido (Lacan, 1985). Ela permite que alguns pontos da narrativa sejam mapeados e, com isso, torna possível o delineamento do trauma, que reflete a emergência do sujeito nessa “outra cena”. O trauma é o ponto não-articulado na história do indivíduo. Ele é so-

lidário ao real e ao sexual e, como tal, resiste a todas tentativas de abordagem pelo simbólico. No entanto, é possível cercá-lo e reduzi-lo pela fala através de um bem-dizer.

Desse modo, o centro de gravidade da síntese histórica de onde o psicanalista parte está sempre a se deslocar, lançando para o futuro a possibilidade de prosseguir no desvelamento dos efeitos de uma cadeia significativa. Com isso, seja na infância, seja na velhice, a história nunca está consumada e o inconsciente continua a trabalhar.

O desafio para o psicanalista é o de produzir e acolher as manifestações dessa “outra cena” que se exprimem naquilo que do sujeito é tangenciado por uma narrativa biográfica, mas que não encontram acolhida nesse plano. Dessa forma, a “outra cena” se manifesta nos pontos de rupturas na linha histórica, demandando uma construção ficcional. Daí, se procedermos por uma lógica histórica, cronológica e linear perdemos o essencial de uma fala que se exprime pela enunciação.

Paradoxalmente, ao se aproximar dessa verdade, o septuagenário Borges deixa-se enredar na ilusão de que na velhice seria possível pela narrativa de fatos da vida ainda não acontecidos apontar para um saber que uniria os dois interlocutores. Mais adiante, resignado, reconhece a assimetria radical entre ele e seu interlocutor: “O homem de ontem não é o homem de hoje, nós dois neste banco de Genebra ou de Cambridge, somos talvez a prova” (Borges, 2009, p. 12).

Esse abismo intransponível é testemunho de que, para além do Eu, há outros impedimentos à realização da verdade do sujeito. Em psicanálise, podemos dizer que há no psiquismo um núcleo real que é heterogêneo a toda tradução pela linguagem.

A esse respeito, como em relação a muitas outras questões, Borges tem muito a nos ensinar. É próprio de seu estilo de escrita a adoção de uma atitude respeito e aceitação em relação aos limites daquilo que pode ser dito com as palavras ao mesmo tempo que também percebemos o esmero em avançar na direção das virtudes de um bem-dizer. Assim, em vários momentos, Borges acentua a fragilidade da memória no que tange à reprodução fidedigna dos fatos para, em seguida, destacar o trabalho de transmutação inerente a toda recordação. Escreve: “O esquecimento e a memória são inventivos” (Borges, 2008, p. 63).

Ora, o que interessa para Borges não é fidedignidade histórica dos fatos, mas a verdade que emana das invenções. Temos então que no conto, quando indagado pelo jovem Borges sobre sua memória, o narrador afirma: “Frequentemente se parece com o esquecimento, mas ainda encontra o que lhe pedem” (Borges, 2009. p. 13).

Mas o que o esquecimento e a rememoração nos mostram através da pena de Borges? Talvez uma frase de uma crônica de um outro livro nos ajude a pensar sobre essa questão:

A música, os estados de felicidade, a mitologia, os rostos trabalhados pelo tempo, certos crepúsculos e certos lugares que-rem nos dizer algo, ou algo nos disseram que não deveríamos ter perdido, ou estão a ponto de nos dizer algo; essa iminência de uma revelação que não se produz é, quem sabe, o fato estético (Borges, 2007. p. 12).

Dessa forma, tanto a temporalidade do fato estético, para Borges, como a do inconsciente, para Lacan, se desdobram no campo de enunciação de uma mensagem não realizada, mas que insiste em se efetivar. Tanto em um caso como no outro, as manifestações da verdade do sujeito possuem um caráter fugidio, parcial e enigmático.

Um desfecho para o diálogo: o enigma

O assunto do diálogo deriva inevitavelmente para a literatura. De um lado, o jovem Borges e suas convicções em uma escrita engajada na qual entoa a fraternidade entre todos os homens; de outro, o septuagenário, já descrente dos ideais da juventude e envolvido com temáticas que tangenciam os limites de um dizer sobre a condição humana. Entre eles, 50 anos, o sonho e um banco.

O último lança então uma provocação:

“- Não posso lhe provar imediatamente (...) que você está sonhando comigo. Ouça bem este verso, que você nunca leu, se bem me lembro”.

Dito isso, recita um verso de Victor Hugo: “L’e hydre-univers tordant son corps écaillé d’astres”². (Borges, 2009. p. 12)

A resposta do jovem Borges:

“- É verdade. (...) Eu nunca poderia escrever uma linha como essa” (Ibidem. p.13).

O narrador então conclui para o leitor: “Hugo tinha nos unido” (Ibidem, p. 14).

Trata-se de um peculiar estratagema para autenticar uma fala e chancelar sua verdade: declamar uma frase que constrói uma imagem fantástica e absurdamente bela, algo para além da experiência comum e que produz uma sensação de efemeridade das referências domesticadas do cotidiano.

Logo após a citação do verso de Hugo, os interlocutores polemizam acerca de uma cena narrada por Whitman. Para o septuagenário, ao descrever uma paisagem noturna à beira-mar, o poeta norte-americano deu expressão mais a um anseio não-concretizado do que a lembrança de um fato ocorrido no passado. Tal opinião causa indignação ao Jovem Borges, que retruca exasperado: “Whitman é incapaz de mentir” (ibidem, p. 14).

Por trás desse desacordo, há um questão sobre a função da literatura: a ficção é uma mentira ou uma forma de dizer a verdade? Essa pergunta que depreendemos dessa passagem do conto nos remete ao texto do Freud “O poeta e o Fantasiar” (1908/1997a), onde vemos que há na literatura uma seriedade que não pode ser definida como uma submissão à realidade factual. Daí sustentar que a produção artística dos escritores resulta de um esforço em circunscrever uma realidade subjetiva.

Sabemos com Lacan que a verdade tem forma de ficção. Essa verdade só é transmissível de modo parcial, pelo caminho de um desvio, de um bordejar dentro de uma dialética que conjuga revelação e ocultamento. A ficção é, portanto, a forma por excelência pela qual a verdade do inconsciente se manifesta.

Retomemos o texto freudiano de 1908 (1997a). Nele encontramos elementos para interrogarmos o conto de Borges. Segundo Freud, alguns autores encarnam em personagens diferentes de uma mesma história várias representações de si mesmo – alter egos –, de modo a expressar a divisão que emerge do âmago de suas próprias subjetividades. A partir desse comentário, podemos dizer que o conto “o outro” nos traz uma figuração paradoxal da divisão

subjativa. Ela é imajada sem disfarces, como um encontro entre personagens que, mesmo encarnando diferentes desdobramentos da mesma pessoa, vivenciam uma sensação intransponível de dissimetria e estranhamento.

À medida que prossegue, a conversa vai se tornando insustentável. Lemos então a seguinte reflexão do septuagenário:

Meio século não se passa em vão. Sob nossa conversa de pessoas de leituras misturadas e gostos diversos, compreendi que não podíamos nos entender. Éramos diferentes demais e parecidos demais. Não podíamos nos enganar, o que tornava difícil o diálogo. Cada um de nós era o arremedo caricatural do outro. A situação era suficiente anormal para durar muito mais tempo. Aconselhar ou discutir era inútil, porque o inevitável destino dele era ser o que sou (Borges, 2009. p. 14).

Haja vista o impossível de se dizer, o septuagenário, inspirado em uma estória que lera, propõe uma troca de moedas e cédulas como prova de que seu “lugar” é o ano de 1969.

A estória em questão é comentada pelo próprio autor em um ensaio denominado “A flor de Coleridge”, onde a encontramos transcrita: “Se um homem atravessasse o Paraíso num sonho, e lhe dessem uma flor como prova de que lá estivera, se ao despertar encontrasse essa flor em sua mão... o que dizer então?” (Borges, 2007. p. 19).

Consumada a troca, assombrado, o jovem Borges constata a data de 1964 na nota de dólar que recebera e afirma: “Tudo isso é um milagre” (...) “E milagres dão medo” (Borges, 2009, p. 15).

Distanciado das vozes dos personagens do diálogo, o narrador lembra-se do comentário feito por um amigo sobre o fato de que nessas notas de dólar não consta nenhuma data impressa.

Nesse ponto máximo de inflexão do diálogo, os dois Borges se despedem, não sem antes se desfazerem do sourvernier daquele encontro. O jovem rasga a nota do futuro, enquanto o septuagenário lança ao fundo do rio a moeda que um dia possuía quando moço. A verdade volta a se ocultar. A prova do encontro é arrasada pelo rio.

O narrador comenta: “O arco do escudo de prata se perdendo no rio de prata teria conferido à minha história uma imagem vívida, mas a sorte não quis” (Ibidem, p. 16).

Em um tom que mistura fina ironia e resignação, o septuagenário, utilizando o argumento de que “o sobrenatural, se acontece duas vezes, deixa de ser aterrador” (ibidem, p. 16), propõe ao seu interlocutor um novo encontro para o dia seguinte. O jovem concorda, ainda que ambos, de antemão, saibam que não se farão presentes.

Na conclusão, o narrador traz a seguinte reflexão, que explicita o seu lugar no conto:

O Encontro foi real, mas o outro conversou comigo num sonho e por isso pôde me esquecer; eu conversei com ele na vigília e a lembrança ainda me atormenta (...) O outro me sonhou, mas não me sonhou rigorosamente. Sonhou, agora o entendo, a impossível data no dólar. (ibidem, p. 16)

A data na cédula é uma cifra que fornece as diretrizes daquilo do sujeito que está em vias de realização. Ela é o ponto enigmático que vincula os personagens do diálogo ao narrador e esse à verdade que escapa de seu dito.

Acompanhando Borges em sua narrativa sabiamente fragmentária e lacunar, testemunhamos que algo se revolta entre os interlocutores no sentido de impedir o estabelecimento de uma identidade ou equivalência. Seguindo aquilo que escapa a um e que retorna da boca de outro, acompanhamos o delineamento de um trabalho de redução. Sugerimos que esse trabalho pode ser designado como um enxugamento das insígnias identificatórias até uma marca irreduzível, o número 1964.

O desafio do narrador é o de tratar o real pelo simbólico. Testemunhamos o relato de uma experiência que exige um posicionamento ético do sujeito em relação a algo que habita o limite do esquecimento e da rememoração, mas que, nem por isso, deixa de dar provas de sua presença.

Remetemos aqui ao seminário, livro 11 (Lacan, 1998a). Nele lemos que todo sonho pode ser enxugado até uma marca, um

traço enigmático, que ocupa função de invólucro que encapsula o real. Esse, afirma Lacan, é lugar por excelência do sujeito do Inconsciente.

Ao final de nosso percurso, constatamos uma modificação subjetiva naquele que narra o conto. Se de início adotava uma postura de repúdio em relação a algo que insistia em lhe interpelar, ao final colhemos indícios da reintegração desse elemento até então excluído do discurso.

Conclusão

O texto de Borges nos permite derivar dele uma discussão sobre o inconsciente na medida em que, através da montagem de uma outra cena suspensa no tempo e no espaço, mostra-nos o diálogo só possível na forma de ficção entre a mesma pessoa desdobrada em passado e futuro, sonho e vigília. Borges e Freud estão de acordo sobre o fato de que nessa outra cena encontramos o cerne das manifestações mais íntimas do sujeito.

O acesso a essas manifestações só é franqueado se soubermos nos situarmos em relação a temporalidade que lhe é característica. Trata-se de um tempo cuja lógica é solidária à abordagem do real pelo simbólico: nessa “outra cena” vigora uma temporalidade circular de onde, no enodamento entre passado, presente e futuro, um resto inapreensível se destaca. Daí surgem os efeitos de repetição como uma busca incessante por uma significação possível.

Essa forma de pensar o tempo impõe a necessidade de distingui-la dos tempos cronológico e histórico, que pressupõem uma lógica linear e cumulativa. A ênfase da lógica temporal do inconsciente recai na função daquilo que escapa a qualquer tentativa de síntese ou neutralização, ou seja, no enodamento entre o simbólico e o real.

Tal diferenciação é de extrema importância para que possamos fazer o melhor uso do conceito de regressão apresentado por Freud. A regressão é o ponto onde as identificações do Eu se decompõe, permitindo, ainda que de modo fugaz, que algo do recalçado manifeste-se, promovendo novas construções subjetivas.

Essa abordagem implica uma ética da memória, na medida que busca produzir uma fala que vá para além das auto-afirmações do Eu em direção à enunciação do sujeito e ao real que o habita. Identificamos nesse argumento uma das possíveis razões que levam Borges, Freud e Lacan a valorizar não só os sonhos, como também os fenômenos paramnêmicos, de despersonalização e do estranho.

Notas

- 1 Hawntorne: escritor que, segundo Borges, dedicou sua produção literária à tarefa de sonhar e que, com frequência, era visitada por uma impressão de irrealidade.
- 2 “Der Sachauplatz der Träume ein anderer sei als der des wachen Vorstellungslebens”.
- 3 “a hidra-universo torcendo seu corpo recoberto por escamas de estrelas”.

Referências

- BORGES, Jorge Luís. (2007). *Outras Inquisições*. São Paulo: Companhia das Letras. (Originalmente Publicado em 1952).
- BORGES, Jorge Luís. (2008). *O Informe Brodie*. São Paulo: Companhia das Letras. (Originalmente Publicado em 1970).
- BORGES, Jorge Luís. (2009). *O Livro de Areia*. São Paulo: Companhia das Letras. (Originalmente Publicado em 1975).
- FREUD, Sigmund. (1999). *Die Traumdeutung*. Frankfurt a. M.: Fischer Taschenbuch Verlag. (Originalmente Publicado em 1900).
- FREUD, Sigmund. (1997a). *Der Dichter und das Phantasieren*. (Studienausgabe. Band X). Frankfurt a. M.: S. Fischer. (Originalmente Publicado em 1908).
- FREUD, Sigmund. (1997b). *Über fausse recoinnassance (dejà raconté) während der psychoanalytische Arbeit*. (Studienausgabe. Ergänzungsband). Frankfurt a. M.: S. Fischer. (Originalmente Publicado em 1914).
- FREUD, Sigmund. (1997c). *Das Unheimliches*. (Studienausgabe. Band IV). Frankfurt

- a. M.: S. Fischer, 1997. (Originalmente Publicado em 1919).
- FREUD, Sigmund. (1997d). *Neue Folge der Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse – 31. Vorlesung: Die Zerlegung der psychischen Persönlichkeit* (Studienausgabe. Band I). Frankfurt a. M.: S. Fischer. (Originalmente Publicado em 1933).
- LACAN, Jacques. (1986). *O seminário - livro 1: Os Escritos Técnicos de Freud* (1953-1954). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed.
- LACAN, Jacques. (1985). *O seminário - livro 2: O Eu na Teoria de Freud e na Técnica Psicanalítica* (1954-1955). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed.
- LACAN, Jacques. (1998a). *O seminário - livro 11: Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise* (1963-1964). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed.
- LACAN, Jacques. (1998b). *Função e Campo da Fala e da Linguagem em Psicanálise* (pp. 238 - 324). In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores.
- LACAN, Jacques (1998c). *A Instância da Letra no Inconsciente* (pp. 496 - 533). In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores.
- LACAN, Jacques. (1998d) *Subversão do Sujeito e Dialética do Desejo no Inconsciente Freudiano* (pp. 807 - 842). In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

Recebido em 31 de Setembro de 2010

Aceito em 07 de julho de 2011

Revisado em 19 de julho de 2011